

Intelectuais e Política no Século XX: Nelson Werneck Sodré

Alex Conceição Vasconcelos da Silva

Resumo: Este trabalho consiste na análise da trajetória de Nelson Werneck Sodré como intelectual, que nas décadas de 1950-1960 participou ativamente do cenário político brasileiro, tanto como oficial do Exército, e como professor do ISEB, além de ter sido articulista, publicando as suas idéias, utilizando todas as modalidades de comunicação desenvolvida no século XX. O projeto de pesquisa de mestrado “Nelson Werneck Sodre e a crise da modernidade brasileira: a Revista Civilização Brasileira (1965-1968)” tem por objetivo analisar a atuação de Sodré na Revista Civilização Brasileira (na qual a revista é entendida como uma trincheira utilizada pelos intelectuais opositores na esfera pública), através dos seus artigos publicados na revista, que esteve em circulação entre março de 1965 até dezembro de 1968, na qual ele publicou vinte e um artigos, sendo responsável pela crítica literária. A fundamentação teórica baseia-se na discussão que abrange a questão entre Intelectuais e Poder, sendo que a principal referência teórica é Antonio Gramsci, por defender a postura do intelectual enjagado, que interaja com a sociedade, e principalmente por ser uma das grandes referências do marxismo, na qual Sodré também se incluía. A metodologia da pesquisa compreende as seguintes etapas: pesquisa bibliográfica realizada na Biblioteca Nacional; leitura, análise e discussão da literatura existente sobre o tema; pesquisa documental e transcrição de artigos publicados na revista, através de consulta ao acervo de Nelson Werneck Sodré na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Observa-se preliminarmente que, em seus artigos publicados nesta revista, Sodré faz uma detalhada exposição da situação em que o Brasil se encontrava após ao golpe de 1964, percebemos a crise política e cultural em que o país estava imerso. Como crítico literário Sodré faz uma crítica ao processo de ataque às letras (terrorismo cultural) e a perseguição aos intelectuais engendrado pela ditadura. Mediante o estudo dos artigos publicados por Sodré na revista, além de seu livro intitulado História da Imprensa no Brasil, percebemos uma crise na imprensa, de um lado a imprensa nacionalista, com jornais como A Última Hora, e de outro lado a imprensa anti-nacionalista, com jornais como O Globo. Com o golpe de 1964, a imprensa nacionalista foi silenciada em 1968 com a promulgação do AI 5, incluindo-se neste silenciamento a Revista Civilização Brasileira.

Palavras-chave: Intelectuais; Política; Esfera Pública, Nelson Werneck Sodré; Revista Civilização Brasileira.

1 – O Brasil de Sodré (1950-1960): Modernidade vs. Tradição

Tomo como elemento central da pesquisa sobre intelectuais e a política, o estudo de trajetórias, como a de Nelson Werneck Sodré, expoente da expressão marxista na formulação de um projeto para o Brasil. De formação institucional militar, situou-se, enquanto oficial, como uma ponte, um elo entre a Escola de Comando e Estado Maior do Exército – ECEME e os diferentes vieses teóricos da Academia, enquanto *locus* civil de elaboração de conhecimento. Atuando como professor na ECEME (1949-51) e do ISEB (1955-64), estabeleceu através da imprensa e de extensa obra de Crítica Literária, História, Memória, Economia e arguta crítica política, um diálogo, um debate intelectual que versou sobre todos os problemas que atingem a sociedade brasileira. Militar de carreira, Sodré ultrapassa os limites corporativos falando sobre o Brasil do mesmo lugar que os denominados “intelectuais progressistas” ocuparam, defendendo os conceitos de nação e cultura brasileira, em oposição aos chamados “conservadores”. Essa classificação divide e reagrupa pensadores civis por suas diferentes concepções sobre o povo brasileiro, explicações sobre sua formação e projetos de porvir.

Sua militância intelectual corresponde dialeticamente as tensões experimentadas na prática de um homem que viveu eticamente dois mundos, sem transição. No meio militar, face as posições do governo brasileiro no contexto da Guerra Fria, ao tomar posições de defesa da soberania nacional, sofreu perseguições por parte de superiores hierárquicos, na ordem civil ou militar, o que lhe acarretou transferências abruptas, inquéritos, prisões e a cassação em 1964, quando já era reformado, a seu próprio pedido, no posto de General de Brigada.

Mantendo-se lucido ativista até os 88 anos de idade (em 1999, ano de seu falecimento), Sodré, como observador ou participante, se posicionou, no mundo político e intelectual, face aos principais acontecimentos de seu tempo. Em sua sede de conhecer o Brasil para entender as estruturas sociais do mundo em que viveu, numa missão absorvente que lhe enriqueceu a vida, num combate diuturno em defesa de suas concepções de mundo, teoricamente baseada nos pressupostos marxistas. Num mundo sangrentamente dividido pela Guerra Fria, optou pelo conceito de autonomia nacional, posição assumida pelos chamados intelectuais progressistas, que viam no armamentismo e nas disputas das potências bélicas pelo domínio do mundo, a reedição do clima nazi-fascista que levou a humanidade a guerra de 1939-45.

O endurecimento do governo Dutra, com a cassação do Partido Comunista, o alinhamento irrestrito as posições norte-americanas e o clima de perseguição ideológica a políticos e sindicatos, fez com que, entre os militares, os embates fossem mais reprimidos, explicitando-se no campo das práticas, posições de neutralidade, ou alinhamento a potência hegemônica das Américas – os Estados Unidos. Frequentando o Clube Militar e as reuniões de cúpula intelectual do Exército, Sodré se aliou ao oficialato que defendia a soberania nacional, como no episódio da campanha “O Petróleo é Nosso”. Opondo-se aos internacionalistas das Forças Armadas, que combatiam o monopólio estatal do Petróleo e defendiam a participação do capital estrangeiro na empresa petrolífera, Nelson Werneck Sodré recebera a classificação de comunista, a qual ele acrescentara sempre – nacionalista.

Os grupos que lutam pela autonomia econômica, política e militar do Brasil proclamam-se nacionalistas, em oposição ao que eles classificam como “entreguistas” que, em represália, perseguem qualquer “autonomista” civil ou militar com toda a manifestação da violência do Estado. A idéia de nacionalismo, conseqüentemente de nação, não é a mesma entre todos os nacionalistas. Identificando-se como marxista-nacionalista, Sodré procura explicitar a categoria:

Partimos, desde logo, de definição do que é nacional, para que não haja dúvidas: só

e nacional o que e popular. A nação para nos, e o povo e não apenas o território. Ela foi construída, em processo histórico, isto e, pela acumulação, ano a ano, seculo a seculo, de tudo aquilo que foi resultado do esforço coletivo, tudo aquilo que, depois de quatro seculos, aproximando-se do quinto, chegou a moldar a fisionomia atual do país: a sua grandeza geográfica, as suas tradições, o seu povo. (SODRÉ, 1998, p. 88)

Embora na década de trinta tivesse participado da roda intelectual da Livraria José Olympio, da qual faziam parte José Lins do Rego, Graciliano Ramos e outros, e tivesse notoriedade nos meios militares desde quando dirigiu o Departamento Cultural da *Revista do Clube Militar* em 1950, ele se tornara um intelectual nacionalmente conhecido a partir de sua participação no ISEB e de sua intensa atividade jornalística na *Última Hora* e no *Semanário*. Ligado ao grupo Itatiaia, da qual faziam parte entre outros Guerreiro Ramos e Helio Jaguaribe, participara, desde a fundação, do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, criado no governo Café Filho, financiado pelo Ministério da Educação e Cultura. Nessa instituição foi responsável pelas conferências e aulas sobre História do Brasil, embrião da coleção História Nova, que introduziu novas interpretações sobre a História do Brasil.

O ISEB foi um *locus* de intensa discussão sobre a conjuntura brasileira, reunindo em seus quadros notáveis intelectuais reconhecidos pelo seu caráter nacionalista, cujo objetivo era assegurar o desenvolvimento político, social e econômico brasileiro, porém de forma independente do capital internacional, reconhecido como imperialista, drenando assim as reservas financeiras do país, sob forma de remessas de lucros. Mas, para viabilizar esse desenvolvimento de caráter nacionalista, eram necessário duas coisas:

1) Entender as estruturas políticas, sociais e econômicas do Brasil, ao longo da sua formação, ou melhor, construção, para que assim pudéssemos entender os hábitos, as tradições existentes na sociedade brasileira, em outras palavras, havia uma necessidade de compreender o passado para entender o presente;

2) Compreender o longo processo da construção da mentalidade das classes dominantes do Brasil, para entender a sua intensa relação com o exterior, com o mercado externo, o seu mutualismo com o capital internacional, o sua mentalidade agrária e escravocrata, que refletia-se no mais completo desprezo pelo Brasil, para assim edificar uma forma de superar esse *status quo*, que emperrava o desenvolvimento brasileiro, ou melhor, emperrava a edificação de uma nação¹ no Brasil.

Colocados os problemas a serem resolvidos por essa *intelligentsia*, cabe-me fazer uma seguinte alusão para que possamos compreender a feitura deste trabalho, e principalmente, a feitura desta pesquisa.

Os intelectuais que ganharam notoriedade após a Revolução de 1930 foram em sua maioria reconhecidos como *modernistas*, por denunciarem o longo processo de construção do Brasil, desde a época colonial, demonstrando a predominância do ruralismo, da escravidão, da monocultura, da economia voltada essencialmente para a exportação, em outras palavras, da *plantation*², cujos resultados foram à edificação de uma sociedade patronal, cujas elites nutrem um enorme desprezo pelas camadas populares, devido a esta última em grande parte ser oriunda da escravidão, com isso as elites se relacionam com as classes populares na ótica escravocrata, tratando os últimos como escravos, como objetos descartáveis, e não como cidadãos. Esse tratamento escravocrata em muito define as relações sociais no Brasil, que em sua maioria e marcada pela dialética *senhor/escravo*, cujas conseqüências podemos observar como as classes populares tratam a si mesma no cotidiano, marcada pelo desprezo, pela humilhação, no viés deste seguinte ditado: *não há solidariedade entre empregados*, ou melhor, *escravos*; na qual o bom tratamento só e dispensado as elites, e ao estrangeiro, por serem reconhecidos como classes senhoriais, ou patronais.

Os intelectuais ditos *modernistas* denominaram esse *status quo* de *velha ordem*, de ordem tradicional, ou Tradição a ser superada.

Dentro desta conjuntura, Sodré teve uma destacada atuação como teórico, notadamente marxista, engajado no campo nacionalista, Sodré em sua obra objetivou compreender a longa

duração do processo de formação do Brasil, buscando compreender o passado para entender o presente, dentro da ótica materialista, e no antagonismo de classes sociais, conforme podemos observar em seus livros, especialmente na *Formação Histórica do Brasil*, livro polemico, pelo seu caráter teórico marxista, por se embasado no viés da história econômica, no antagonismo de classe, cujo reflexo no livro é a construção do aparelho estatal a serviço das classes senhoriais e cujo ápice é a formulação da tese do feudalismo no Brasil.

Pesquisando a obra de Sodré, observa-se que o autor buscou compreender a velha ordem, para combatê-la, superá-la, edificando assim a nova ordem, no caso, a edificação da nação brasileira, de uma comunidade brasileira, marcada pela fraternidade, pela cidadania, pela independência política, cultural e econômica, porém dentro do viés marxista³, em outras palavras, através da concepção dialética, do choque entre os opostos cujo resultado é a edificação da nova ordem, ou melhor, do confronto entre a tese, que no caso vem a ser a modernidade (um projeto de nação, o Brasil urbano) e a antítese, que no caso vem a ser a tradição (o colonialismo, o Brasil rural), cuja síntese seria o surgimento da nação brasileira. Conforme podemos observar ao longo da conferência intitulada *Raízes Históricas do Nacionalismo Brasileiro*, especificamente nesta seguinte passagem:

Ora, o que é velho e que é novo, esta fase? E velho, sem dúvida, o quadro do campo, em que as relações semifeudais impedem a ampliação do mercado interno; e velha a política de socializar os prejuízos, reduzindo o poder aquisitivo das massa demográfica ascendente; e velha a orientação de relegar o Estado a inercia; e velho o mercantilismo que se traduz numa curva ascensional em volume e decrescente em valor; e velha uma norma que nos aprisiona nos moldes da fazenda tropical produtora de matérias-primas para industrialização externa; e velho que nos subordina a razões externas, por legítima que sejam no exterior; e velha, particularmente, a ideia de que o Brasil só se pode desenvolver com ajuda alheia e, principalmente, com capitais estrangeiros.

E que é novo? Nova é a composição social que inclui uma burguesia capaz de realizar-se como classe e começa a compreender que a sua oportunidade é agora ou nunca, e que apresenta a classe média atenta e ideologicamente receptiva, pela maior parte de seus elementos, ao clamor que se levanta do fundo da história no sentido de que nos organizemos para a tarefa que nos cabe realizar, e uma classe trabalhadora que adquiriu consciência política e se mobiliza, a fim de partilhar do empreendimento nacional, vendo nele a abertura de perspectivas ao seu papel histórico. Novo é, pois, o povo. Nada ocorrerá mais sem a sua participação. Nova é a indústria nacional, superada a etapa de bens de consumo e iniciada a de bens de produção, limitada embora pelo atraso na capacidade aquisitiva do mercado interno e onerada por uma política de obstáculos e de dúvidas. Volta Redonda é o novo que altera a paisagem brasileira e a Petrobras é o novo que afirma a nossa capacidade de realização sem interferências. Novo, em suma, é o Nacionalismo, que corresponde ao que nos impulsiona para frente e rompe com que nos entrava e entorpece. (SODRE, 1959, p. 45)

Portanto, para edificar esse projeto de nação, os intelectuais isebianos, adotaram a ótica desenvolvimentista, em outras palavras, adotaram o conceito de desenvolvimento como forma de representar o “sentido de mudança, refletindo os interesses da burguesia nacional e da pequena burguesia urbana” (SODRE, 1967, p. 532), conforme podemos observar no conteúdo exposto na última citação, cujo antagonismo era a Escola Superior de Guerra (ESG), que para Sodré “representava ideologicamente, o sentido da conservação, da resistência a mudança, refletindo os interesses do imperialismo e do latifúndio, muito mais aqueles do que estes”. (SODRE, 1967, p. 531)

Em suma, após a esta breve demonstração do dilema vivido pelos intelectuais nacionalistas naquela época, reconhecidos por comporem a segunda geração dos intelectuais do Pensamento Social Brasileiro, não podemos deixar de relacionar esse dilema com as tensões políticas da época, em que se confrontaram forças ditas progressistas com forças ditas conservadoras⁴ na luta pelo poder, demonstrando assim que o período foi marcado por um

intenso choque “dialético” (no sentido de polemico) entre o velho e o novo, acerca do destino do país, numa espécie de ser ou não ser uma nação.

Nesse choque, não podemos de deixar de caracterizar, mesmo que brevemente, o choque que ocorreu na esfera pública, no caso a imprensa, por ser a melhor forma de demonstrar as tensões no espaço público⁵.

A imprensa daquele período conflituoso foi marcada pela pluralidade dos veículos de comunicação, que se transformavam em verdadeiras trincheiras (no caso, entre o novo e o velho), havendo veículos conservadores, opondo-se as forças nacional-desenvolvimentistas; assim como também houve veículos progressistas, servindo como espaço público para muitos desses intelectuais desenvolvimentistas, dentre os quais Sodré (que teve uma destacada atuação na imprensa), ocorrendo assim uma verdadeira guerra pelo controle da esfera pública, da opinião pública, evidenciando assim uma batalha diária pelo convencimento político, conforme veremos no tópico seguinte, essa batalha pela opinião pública, em muito contribuiu pela não utilização de uma metodologia acadêmica em suas publicações, utilizando uma metodologia pejorativamente chamada de “panfletária”.

Com isso podemos encerrar este tópico concluindo previamente que o objetivo dos intelectuais nacional-desenvolvimentistas, ou da segunda geração do Pensamento Social Brasileiro, foi a edificação da comunidade, da nação brasileira, tal como os intelectuais renascentistas fizeram na Europa em transição entre o novo (a Era Moderna) e o velho (a Era Medieval), cujo alguns expoentes foram Maquiavel (Itália); Richelieu (França); Hobbes (Inglaterra); e posteriormente Herder e Fichte (Alemanha).

2 – Sodré na Revista *Civilização Brasileira*: um pequeno balanço

Cassado em abril de 1964, além de ter sido preso durante três meses pela ditadura que iniciara o seu longo período de governo no país. Oficiosamente impossibilitado de escrever para jornais e revistas, sendo constantemente ameaçado de prisão pelas autoridades vigentes, produziu textos e livros como maneira de se defender e analisar a situação dos tempos difíceis que estava vivenciando, Sodré também escreveu em alguns periódicos, entre as quais a *Revista Civilização Brasileira*, que surgiu em março de 1965, para promover uma resistência cultural à ditadura, com artigos que analisavam a realidade brasileira por meio de uma revista que teve uma importância expressiva durante o período de sua circulação, que foi até dezembro de 1968.

A fonte utilizada para estudar a resistência no período foi a *Revista Civilização Brasileira*, veículo escolhido em face da sua amplitude, pela vasta disposição temática e pela forma combativa com que lidava com o regime. Esta revista como uma rica documentação, nos vale como um recorte ilustrativo dos valores e das formas de luta de uma parcela dos intelectuais e artistas nacionalistas. Uma breve caracterização da revista dá conta de justificar o seu estudo: foram publicados vinte e dois volumes ordinários e três cadernos especiais com a perspectiva de periodicidade bimestral. A revista tinha densidade teórica e visava tratar de política nacional, política internacional, questões filosóficas, científicas e artísticas. Dentre os autores publicados estavam: ex-integrantes do ISEB, como Nelson Werneck Sodré e Roland Corbisier; filiados ao PCB, como Ferreira Gullar, Leandro Konder e Dias Gomes; intelectuais de diversos matizes como José Honório Rodrigues, Otto Maria Carpeaux, Octávio Ianni, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Paulo Francis; e autores estrangeiros cuja lista incluía nomes de peso como Bertrand Russell, George Lukács, Lucien Goldmann, Herbert Marcuse, Jean Paul Sartre, Louis Althusser, Walter Benjamin, dentre outros. Inserida no conjunto de órgãos que estavam sob a mira do governo ditatorial, a revista sofreu reveses da política implantada pelo regime militar pós-1964, vários de seus intelectuais tiveram de escrever sob pseudônimos, alguns foram presos, e a revista precisou modificar o corpo de

redação, a direção, sua temática e estrutura visual.

A *Revista Civilização Brasileira*, teve uma atuação destacada naquela época, como um órgão de resistência cultural, cujo objetivo era a defesa da ideologia nacionalista, nesse sentido o nosso recorte tem por base a atuação de Nelson Werneck Sodré na revista, responsável pela crítica literária, articulista preocupado em denunciar os atos ditatoriais, de caráter político, contra as letras e os intelectuais que se manifestavam contra a ditadura.

Nesta pesquisa de mestrado, o objetivo é compreender o papel, a postura de um intelectual notadamente ideológico, tido como um engajado militante, perante o advento de uma ordem ditatorial. No caso de Sodré, observa-se que ele tomou o partido da resistência, defendendo a democracia e o nacional-desenvolvimentismo contra a ditadura, contra a dominação econômica do Brasil, no caso de Sodré, a sua atuação na *Revista Civilização Brasileira* (1965-1968) notabilizou-se pela defesa da ideologia nacional-desenvolvimentista, que se fazia presente tanto nos movimentos populares e artísticos, como na literatura da época contra a dominação cultural que estava sendo impingida ao Brasil, pela indústria cultural internacional, precisamente a dos EUA, através da grande imprensa como fonte publicitária. Portanto, esse curso é fundamental para compreender a participação de Sodré na esfera pública após o advento da ditadura, através da *Revista Civilização Brasileira*, defendendo a ideologia nacional-desenvolvimentista, formulada pela *intelligentsia* isebiana, tornando-se assim partidário da resistência cultural.

A metodologia da pesquisa baseou-se no levantamento e na coleta das fontes, no caso, os artigos publicados por Nelson Werneck Sodré na *Revista Civilização Brasileira*, além de textos publicados pelo autor no mesmo período (1965-1968), estão transcritos na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, localizadas no fichário 06. Localização do original: 32, 02, 003 – do microfilme: MS-550 (6) – SBN. Além da leitura e análise da obra de Sodré, principalmente destes livros: *História da Imprensa no Brasil*, *Fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*, *Ofício de escritor: dialética da literatura*, *Síntese da história da cultura brasileira*, *Orientações do pensamento brasileiro*, *Memórias de um soldado*, *Memórias de um escritor*, *Formação Histórica do Brasil*, *As raízes históricas do nacionalismo brasileiro e A ofensiva reacionária*.

Observa-se preliminarmente, na análise das fontes, que Sodré faz uma detalhada exposição da situação política e cultural do Brasil naquele tempo, responsável pela crítica literária da revista, é interessante notar em suas colocações que, com o recrudescimento da ditadura, o obscurantismo e do sistemático favorecimento dos mecanismos de dominação cultural, a efervescência da cultura brasileira não arrefeceu, tomando rumos de contestação ao autoritarismo que planejava eclipsá-la.

Resultados e conclusões preliminares

Na análise preliminar dos artigos publicados por Sodré na *Revista Civilização Brasileira*, transcritos na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Observa-se que Sodré faz uma detalhada exposição da situação política e cultural brasileira naqueles tempos, responsável pela Crítica Literária da revista, e interessante notar em suas colocações que, com o recrudescimento das tensões políticas, do obscurantismo e do sistemático favorecimento da mediocridade, essas era as estratégias da ditadura que ascendera com o golpe de 1964, porém a efervescência da ideologia nacionalista não arrefeceu, persistindo, tomando rumos de manifestação ao autoritarismo.

Em seus primeiros artigos publicados na revista: *Condições e Perspectivas da Política Brasileira*; *A Prosa Brasileira em 1964: um balanço literário* e *Terrorismo Cultural*, em 1965, Sodré faz uma análise criteriosa das condições sociais em que o Brasil vivia naquela época, período em que ficou marcado pelas perseguições políticas, em que um dos alvos

dessas perseguições eram os intelectuais, além da ideologia nacional-desenvolvimentista, através de censuras, cassações, apreensões, prisões, fatos que ficaram simbolizados nos Inquéritos Policiais Militares – os IPMs – inquéritos que, segundo Sodré, tinham o objetivo de silenciar a “cultura nacionalista”, uma vez que foi no campo cultural, que a ideologia nacional-desenvolvimentista representou um dos maiores focos de resistência encontrada pela ditadura.

Analisando os artigos publicados por Sodré na *Revista Civilização Brasileira*, além da bibliografia utilizada na pesquisa, observamos preliminarmente que nas décadas de 1950-60 houve uma crise na imprensa, que acabou gerando um duro embate entre um setor notadamente progressista, representada pelos jornais *A Última Hora*, e o *Semanário*; e entre um setor notadamente conservador, representada pelos conglomerados *O Globo* e o *Estado de São Paulo*, na qual, os últimos foram constatados possuírem um grande envolvimento com o capital internacional, sobretudo o norte-americano, sendo, sobretudo, dependentes de seus financiamentos.

Sendo assim, constatamos que nesse período predominou uma verdadeira “guerra” na Esfera Pública brasileira, que seria finalizada somente com o advento do AI-5, em 1968, com o silenciamento do setor progressista da imprensa brasileira, observa-se o duro ataque sofrido pelos progressistas por parte dos conservadores, acusando os primeiros de serem financiados pelos governo, chamando-a de “imprensa oficiosa”. Porém, o alvo maior dos ataques conservadores não era a imprensa progressista, era o Governo, seja o segundo governo de Vargas (1951-54), o governo Kubitschek (1956-60) e, sobretudo, o governo Goulart (1961-64), como podemos observar nesta seguinte passagem:

O processo de Última hora não foi organizado, com o coro de escândalo que o marcou, apenas como meio de liquidar o concorrente afortunado e eficiente, mas como meio, e nisso estava a sua essência, de debilitar o Governo, de levá-lo a capitulação, pela necessidade de serem concedidas – não as empresas jornalísticas, que continuavam, apesar de cerrada oposição, a receberem favores dos estabelecimentos oficiais de crédito e a receber concessões de toda ordem – facilidade para o desenvolvimento dos negócios dos monopólios, em nosso país. (SODRÉ, 1999, p. 403)

Na pesquisa, observa-se o nível de dependência da grande imprensa com as agências de financiamento estrangeiras, tal como expõe neste seguinte trecho:

Na Comissão Parlamentar de Inquérito, não foram consideradas as denúncias das dívidas dos Srs. Chateaubriand e Roberto Marinho, nunca saldadas, no Banco do Brasil nem nas Caixas Econômicas de S. Paulo. Naquele ano, 1953, quando as emendas nacionalistas da Petrobras eram votadas, sob regime de urgência, na Câmara, o total da publicidade paga e distribuída por companhias americanas nos jornais, no rádio e nos outros veículos de propaganda oposicionistas, foi de 3 bilhões 506 milhões e 200 mil cruzeiros. Desse total, um bilhão e 197 milhões foram dados aos jornais, e 869 milhões as emissoras radiofônicas. Excetuando a Shell, que é inglesa, e dispendeu, naquele ano, 18 milhões, foram as seguintes empresas sediadas nos Estados Unidos que mais contribuíram para a imprensa entreguista no Brasil: Esso Standard do Brasil: 28 milhões; The Sydney Ross; 25 milhões; Coca-Cola: 15 milhões; The Johnson & Johnson: 13,5 milhões; Atlantic: 13 milhões; Gillette: 13 milhões; Colgate-Palmolive: 12 milhões; The Eno Scott: 12 milhões. Os dados apresentados a Comissão Parlamentar de Inquérito foram sonogados ao conhecimento do público. (SODRÉ, 1999, p.403-404)

A *Revista Civilização Brasileira* foi um foco de resistência na esfera pública a essa mídia notadamente antinacional, caracterizou-se por defender os interesses nacionalistas, tendo no seu corpo de articulistas, membros da *intelligentsia* nacional-desenvolvimentista oriunda do então extinto ISEB, como o próprio Nelson Werneck Sodré, além de Roland Corbisier. A revista, durante o seu período de circulação teve uma enorme importância por ter dado um espaço para essa *intelligentsia* que estava sendo perseguida pela ditadura se manifestar, sendo assim uma “trincheira” oposicionista na ditadura, em sua fase inicial, com

isso, a participação de Sodré foi de suma importância, porque ao publicar os seus artigos na revista, posicionou-se contra a ditadura lutando contra a dominação cultural brasileira, por parte da indústria cultural internacional, notadamente a dos Estados Unidos, transformada em “política pública” pela ditadura.

Com isso, podemos concluir que, Sodré travou um intenso debate sobre o dilema brasileiro, calcado na dicotomia *Tradição/Modernidade*, como um dos mais destacados membros da *intelligentsia nacionalista*, contra a esfera conservadora, provocando um debate de alto nível, mas não acadêmico, por se tratar de um debate público, cujo objetivo era obter o apoio da sociedade, para assim legitimar o surgimento de um novo *status quo*, o Brasil cidadão, urbano, industrial e nacionalista, em detrimento do antigo *status quo*, o Brasil escravocrata, rural, agrário-exportador associado com o capital internacional imperialista.

Bibliografia

BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JACOBY, R. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: EDUSP, 1990.

MANNHEIM, K. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOTA, C. G. *A Época de revisões radicais e aberturas teóricas (1965-1969)*. In: *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

PRADO, M. E. *Os intelectuais e a eterna busca pela modernização do Brasil: o significado do projeto nacional-desenvolvimentista das décadas de 1950-60*. In: *Historia Actual Online*, Num. 15 (Invierno, 2008), p. 19-27.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PÉCAULT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil; entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

RIDENTI, M. S. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SODRÉ, N. W. *A Fúria de Calibã: memórias de golpe de 64*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

- _____. *A ofensiva reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- _____. *As classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1957.
- _____. *As raízes históricas do nacionalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, 1959.
- _____. *Formação Histórica do Brasil*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- _____. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. *Ofício de escritor: dialética da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. *Orientações do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942.
- _____. *Síntese da história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- _____. “*Vamos deter a traição*”. In: *Tudo é Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1982.

¹ No caso, optaremos por definir singelamente o conceito de nação como sendo uma comunidade de indivíduos, que habitam um determinado espaço geográfico, que unidos por laços de fraternidade, formam uma comunidade, formando assim uma consciência, ou espírito nacional, manifestando-se nos hábitos, nas tradições, no caso, na cultura, cuja principal característica é o fato de possuírem um idioma próprio, tal como foi desenvolvida na Europa Moderna.

² *Plantation* é a designação proporcionada a sistemas econômicos baseados na grande propriedade rural, no caso, latifúndios, cuja produção se baseia na monocultura, voltada exclusivamente para a exportação. A *plantation* é em muitos casos utilizada para definir as economias coloniais da época moderna, assim como a de países cuja base econômica se concentra na exportação de um produto agrícola. Ex: a economia de Costa Rica baseia-se em grande parte na exportação de bananas.

³ Ao abordar a teoria marxista, estamos em grande parte habituados a relacioná-lo como uma estratégia para suplantar a ordem econômica existente, no caso o capitalismo, e conseqüentemente, o Estado em prol do socialismo. Porém, na América Latina, o marxismo acabou ganhando outra conotação: serviu como suporte teórico para os intelectuais nacionalistas se oporem ao papel exercido pelas elites, que comandavam os países latino-americanos, no mercado internacional de trabalho, ou no sistema mundo, posição de submissão aos países metropolitanos, na era colonial, substituído pelos países hegemônicos de uma determinada época; no caso, a Grã-Bretanha no século XIX; e aos Estados Unidos no século XX. Como podemos observar na Teoria da Dependência desenvolvida por Ruy M. Marini e Theotonio dos Santos.

⁴ Nos decênios de 1950-60, o país assistiu a uma intensa polarização política e ideológica na política partidária, entre elementos progressistas, agrupados no PTB; e entre elementos conservadores, agrupados na UDN e no PSD, que ocasionaram uma intensa disputa pelo poder, conferindo instabilidade aos governos de Vargas (1950-54) e JK (1956-60), e principalmente ao governo Goulart (1961-64), se refletido na polarização da imprensa, em que a sua ala hegemônica, alinhada ao conservadorismo, conferiu enorme instabilidade aos governos de Vargas, contribuindo para o seu suicídio; e principalmente ao governo Goulart, contribuindo para o desencadeamento do golpe de 1964.

⁵ Ha discussões acerca do desenvolvimento do espaço público, em outras palavras, da imprensa como um meio de comunicação entre os intelectuais e a sociedade, principalmente nas discussões dos textos de Habermas intitulado *Mudança Estrutural da Esfera Pública* e de Mannheim, intitulado *Sociologia da Cultura*, em que ambos demonstraram a relação entre o desenvolvimento da atividade intelectual com o desenvolvimento da imprensa, cujo resultado era a emergência da esfera pública, ou da opinião pública, proporcionado também pelo

surgimento, e posteriormente, o aumento do público-leitor, da qual tanto o intelectual como a imprensa estão vinculados. Por isso que, grosso modo, as tensões no espaço público, na imprensa, refletem as tensões dos intelectuais no que tange ao convencimento do público-leitor, e conseqüentemente, a garantia da hegemonia na esfera pública, na opinião pública.